

REPRESENTAÇÕES SOBRE SÃO PATRÍCIO E A CRISTIANIZAÇÃO DOS IRLANDESES NA “VITA PATRICII” DE MUIRCHÚ MOCUU MACHTENI.

Dominique Vieira Coelho dos Santos¹

srodomeniko@yahoo.com.br

Resumo

A “Vita Patricii” de Muirchú Moccus Machteni é a primeira vida de São Patrício de que temos notícia e seu autor é considerado até hoje o principal hagiógrafo do padroeiro dos irlandeses. Trata-se de um documento escrito no VII século da história antiga da Irlanda e ainda sem tradução para o português. Neste artigo tecemos algumas considerações acerca das representações sobre São Patrício e a cristianização dos irlandeses presentes neste documento.

Muirchú Moccus Machteni é considerado o principal hagiógrafo de São Patrício. Em sua obra “Vita Sancti Patricii”, escrita no século VII na Irlanda, ele nos apresenta várias características sobre a vida e as obras deste santo irlandês. Segundo David Howlett (2006), a tradição céltico-latina do cristianismo é dividida em três ramificações: 1) derivada da cultura romano-britânica dos primeiros quatro séculos do Cristianismo e que começa com os três grandes escritores do Século V, que são: Pelágio, Patrício e Fausto, filho de Vortigern; 2) a segunda é derivada das missões de Paládio, enviado pelo papa Celestino “aos irlandeses que crêem em cristo”, e de Patrício; 3) e a que deriva dos migrantes da Britannia Maior para Britannia Minor no século V. Muirchú pertence à segunda ramificação desta tradição.

Da cristianização da Irlanda, que data do século V, ao nascimento literário do Purgatorium, um fenômeno inserido no século XII da História da Irlanda, temos várias representações distintas acerca da vida de Patrício, sendo a obra de Muirchú um dos fundamentos de toda a discussão que gira em torno da construção da imagem do santo, pois o Patrício descrito por Muirchú difere profundamente do daquele que aparece nos textos produzidos pelo próprio Patrício, que escreveu, também em latim, no século V. Várias tentativas de biografar o padroeiro dos irlandeses, produzidas após o sétimo século, seguem as concepções introduzidas por Muirchú, que teve uma profunda influência em hagiógrafos posteriores e, por este motivo, sua obra é essencial para que possamos compreender a imagem atual que temos de Patrício.

Chegaram até nós dois documentos escritos pelo próprio Patrício, sua confissão e uma carta que escreveu aos soldados de Coroticus. Sua confissão é um texto escrito no fim de sua vida para defender-se da acusação de que teria ido para Irlanda ganhar dinheiro. Neste texto, Patrício fala sobre sua origem, suas dificuldades e revela um pouco de sua personalidade. A carta aos soldados de Coroticus, por sua vez, foi escrita como um protesto e uma advertência ao próprio Coroticus, um chefe de soldados que teria detido alguns discípulos de Patrício e que perseguia, segundo sua opinião, os cristãos irlandeses. O objetivo de Patrício ao escrever suas obras era resolver algumas questões que lhe importunava no momento em que elas foram escritas. Nestas obras, ele representa a si mesmo como alguém ignorante que só conseguiu cumprir sua missão na Irlanda devido à ação de Deus e não às suas próprias vontades. Quando alguém lhe oferecia um sacrifício, Patrício dizia que este só poderia ser feito a Deus (Confissão, 19); quando alguém lhe oferecia adornos ou qualquer tipo de recompensa a troco de seu trabalho, ele diz que não aceitava

¹ Doutorando em História Antiga pela Universidade Federal de Goiás

(Confissão, 49-50). Ele termina sua Confissão dizendo que não atribuísem nada à sua ignorância, ao “indouto” Patrício e que ele não era merecedor. Ele se mostra como humilhado e se representa sempre diminuindo-se. É o discurso da humildade. Tudo quanto faz só pode fazê-lo porque Deus é com ele e o ajuda. É esta a imagem que ele pretende passar. Desta maneira, ele tenta mostrar-se como pequeno e argumentar que suas realizações conectam-se com a graça de Deus em sua vida. Já no texto de Muirchú, Patrício aparece como um santo poderoso, fazedor de diversos milagres, lutando contra druidas e desfazendo suas artes mágicas, convertendo reis, fazendo juízo acerca das coisas, ensinando aos irlandeses sua doutrina cristã. Ou seja, é na *Vita Sancti Patricii* de Muirchú Mocu Machteni que aparece pela primeira vez o Patrício que vai servir de base para a mais famosa representação que existe com relação à sua pessoa, a imagem em que ele aparece expulsando as serpentes da Irlanda, uma metáfora simbolizando sua vitória contra os druidas, serpentes da sabedoria pagã.

A narrativa apresentada por Muirchú, apesar de algumas pequenas diferenças com relação aos nomes de alguns lugares e personagens, começa seguindo os mesmos padrões dos textos produzidos por Patrício: Trata-se do bretão, Patrício, filho do diácono Calpornius (na Confessio de Patrício é Calpurnius), filho de Potitus, um sacerdote que morava na cidade de Banna Venta Burniae (Confessio: Bannavem Taberniae), na Bretanha, que aos 16 anos foi capturado junto com outros garotos e levado para Irlanda (Literalmente: para esta ilha de bárbaros/ in hanc barbarorum insulam) para ser escravo de um rei (*Vita Patricii* I), mas que fugiu e depois voltou para a ilha com o propósito de divulgar o cristianismo, pelo fato de ter ouvido a voz de um homem chamado Uictorius, que lhe disse: “Vocant te filii et filiae Silvae Foclutae” (*Vita Patricii* VII). Todavia, a partir do capítulo X, a obra começa a apresentar divergências mais sérias, quando Muirchú escreve que: “In illis autem diebus quibus haec gesta sunt in praedictis regionibus fuit rex quidam magnus ferox gentisque imperator barbarorum regnan in Temoria quae erat caput Scotorum”. O nome deste rei, que seria uma espécie de rei geral (gaélico: Ardri) da Irlanda do período, era Loiguire. Para Thomas Cahil (1999: 117), o rei celta era mais uma espécie de chefe de clãs que governavam comunidades locais, no comando de algumas dezenas de famílias de criadores gado. Sabemos que a Irlanda céltica do tempo de Patrício era organizada politicamente em mais de uma centena de pequenos reinos independentes, denominados Thuatha. Esses reinos se dividiam em cinco partes: Ulster, Meath, Leinster, Munster e Connaught (posteriormente Connacht). Por este motivo, alguns estudiosos dizem que este é um dos maiores anacronismos da obra de Muirchú, pois nunca houve um alto-rei na Irlanda no tempo de Patrício e que se o mesmo tivesse um dia encontrado este rei Loiguire, isto seria importante o suficiente para ser relatado em sua confissão (Hanson. 1968: 26-28).

Segundo Muirchú Mocu Machteni (*Vita Patricii*, X), o rei Loiguire, filho de Neill, possuía vários druidas, que eram adivinhadores, mágicos e responsáveis por fazer vários encantamentos, além de aconselhá-lo em toda sorte de arte do mal (*omnis malae artis*). Este ponto é um dos principais da obra, pois é nele que o autor começa a descrever este mundo pagão com o qual Patrício terá várias batalhas mágicas, saindo vencedor de todas elas. Muirchú nos conta que na mesma noite que São Patrício celebrava a páscoa, os pagãos também faziam uma cerimônia em que eles festejavam suas divindades. Esta cerimônia era realizada em Timonia, também conhecida como Tara, considerada pelo autor da *Vita Patricii* como a Babilônia dos pagãos irlandeses, devido a presença de grande quantidade de artifícios mágicos, múltiplas práticas supersticiosas etc, como no passado podíamos observar em torno do reino babilônico de Nabucodonosor. Participavam destas festividades diversos reis, druidas e os integrantes do reino de Loiguire. Ocorreu então que São Patrício, celebrando a páscoa, ascendeu um fogo santo, que poderia ser visto de todas as localidades. Segundo Muirchú, neste momento, o rei Loiguire imediatamente quis saber quem ousava fazer tais práticas em seu reino e, ordenou que o responsável fosse morto. Patrício então

foi convocado a se apresentar diante do rei e assim o fez. Inicia-se então vários combates mágicos entre Patrício e os druidas do rei Loiguire (Vita Patricii, XV-XVI).

O primeiro milagre que, segundo Muirchú, foi feito por meio de Patrício, ocorreu quando um druida chamado Lochru, que olhava com atrevimento para o santo e era insolente em sua presença, “depreciando a fé católica” com palavras de ira veio até ele. Mas, olhando para ele turvamente e com autoridade, assim como um dia fez Pedro com Simão mago, Patrício fervorosamente clamou com um grande brado: “oh Senhor! Tu que podes todas as coisas e que tudo constituiu pelo teu poder, o Senhor que me mandou aqui, faças com que este ímpio que blasfema o seu santo nome seja arremessado daqui imediatamente e seja morto”. Muirchú diz que, tendo Patrício dito isto, o mago foi arremessado ao ar e novamente do alto, lançado com a cabeça em uma pedra e foi despedaçado e morto na presença dos pagãos e eles temeram (Vita Patricii, XVII).

Logo a seguir, Muirchú apresenta outro grande feito de Patrício. O druida Lucetmaíl, pretendendo matar Patrício, colocou algo dentro do copo do Santo, que percebeu a artimanha e conseguiu se safar. Segundo a narrativa apresentada pelo hagiógrafo de Patrício, o santo irlandês abençoou seu copo e o licor que o druida havia colocado se transformou em gelo, menos a gota que tinha sido colocada pelo mágico, que, uma vez que o copo foi virado, caiu. Após isso, Patrício novamente abençoou o seu copo e o licor foi convergido em seu estado natural (Vita Patricii XX). Depois do ocorrido, Patrício disse ao rei que, ao menos que ele acreditasse e se convertesse ao cristianismo, ele morreria rapidamente e, temendo veementemente e com seu coração emocionado, o rei se converteu e, junto com ele, toda a cidade, pois pensou: “Melius est credere me quam mori”. Patrício ainda deu ao rei uma sentença na qual disse que, mesmo convertido, por ele ter sido um empecilho, nenhum dos seus descendentes seria rei na eternidade (Vita Patricii XX e XXI). Muirchú ainda narra a história de um homem que era “cogitationibus prauus”; “uerbis intemperatus”; “factis malignus”; “spiritu amarus”; “anima iracundus”; “corpore scelestus”; “mente crudelis”; “vita gentilis” e “conscientia inanis” e que acreditou em Deus, decidindo seguir a doutrina de Patrício, sendo batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. No mesmo capítulo de sua obra Muirchú ainda diz que Patrício, dizendo: “Viuet et exsurget sine dolore”, ressuscitou um homem, que reviveu naquele momento totalmente curado. Estes são alguns dos milagres de Patrício, segundo Muirchú Moccu Macthéni.

Por estes motivos, E.A. Thompson (1986:15) diz que após o século VII, justamente por causa deste tipo de representação, encontrada na obra de Muirchú, várias características foram acrescentadas à carreira missionária e à personalidade de Patrício e o correto a fazer seria, como já havia sugerido D.A. Binchy em 1962, abandonar esta obra e todas as outras semelhantes, pois não acrescentam nada ao conhecimento que temos sobre Patrício, a não ser ficções. Este posicionamento também é assumido por diversas obras que tentam construir a imagem de um Patrício histórico, em oposição a um Patrício mitológico (Bury: 1905; Liam de Paor: 1993; Hillgarth: 2004). Assim sendo, a maior parte destes autores se confrontam para ver quem fornece a representação “mais adequada” da vida de São Patrício e o contexto da Irlanda celta do século V, tendo em vista a crença de que é possível uma história dos referentes entendida como aquela que almeja apresentar um discurso sistematizado sobre o passado humano acreditando que seja possível um conhecimento seguro sobre elementos que residem fora dos textos.

No século VII, com a obra de Muirchú, houve então uma mudança de interpretação no que diz respeito à imagem de Patrício e suas relações com a cristianização da Irlanda. Possivelmente este fator tem relação com a necessidade de se estabelecer para o mosteiro de Armagh uma ligação identitária com o nome daquele que era relacionado neste momento com “as origens” do cristianismo irlandês. Assim, temos dois grupos de representações bem evidentes acerca de Patrício. O primeiro é o que podemos perceber com a leitura de suas obras, que datam do século V, em que ele aparece sempre diminuto e pecador; o segundo é posterior ao século VII, sobretudo a partir da Vita Sancti Patricii de Muirchu, em que podemos perceber um Patrício grandioso e cheio

de poder. São estas representações que são caracterizadas como “meras ficções”. Existe uma marca pejorativa sobre estes documentos partindo do pressuposto que as representações encontradas neles são inferiores àquelas feitas pelo próprio Patrício, que teria produzido textos mais fidedignos, ao passo que na obra de Muirchú, pelo fato deste ter construído um universo mágico e inserido Patrício nele, somente encontramos mentiras. Ao nosso ver, tanto os discursos de Patrício quanto os de Muirchú são discursos possíveis e fazem parte de uma rede argumentativa específica estabelecida para preencher as necessidades da época em que estes enunciados surgiram. Ou seja, há uma igualdade de valor entre as representações, pois, como nos ensina Henri Lefebvre (2006), a representação ocupa o intervalo entre a presença e a ausência e, por isso, devemos superar a ilusão filosófica de que podemos transcender as representações alcançando uma verdade mais concreta e mais complexa, podemos dizer que as representações não são nem verdadeiras e nem falsas. Assim sendo, temos que levar em consideração a representação, a linguagem e o poder e, a partir desta relação, pensar as representações em paralelo com as práticas sociais da época em que foram constituídas, algo que grande parte da historiografia irlandesa não faz.

Além de tecer as representações possíveis em uma época e atender a exigências que devem ser compreendidas nos contextos em que tiveram sentido, a saber: o sétimo século da História Irlandesa e o contexto da tentativa de fundamentação de uma tradição cristã irlandesa vinculada ao nome de Patrício, a obra de Muirchú ainda tem uma função de resgate do nome do bretão que ajudou a sistematizar a doutrina cristã entre os irlandeses, pois, como afirma Thompson (1986:14; 157), durante a vida de Patrício os homens não reconheceram sua importância, e depois que todos que o conheceram pessoalmente morreram, fora seus textos, nada sobre ele foi preservado e por um espaço de cem anos após sua morte, ninguém o descreveu como um organizador do cristianismo irlandês, como um pregador ou um fazedor de milagres e no tempo da morte de Patrício, a Irlanda ainda era quase que totalmente pagã. Nós não sabemos por qual motivo suas cartas foram preservadas, mas o fato é que somente quando vieram à tona as pessoas começaram a falar dele. Sem estes documentos, não saberíamos praticamente nada da História da Irlanda deste período. A primeira vez que o nome de Patrício foi mencionado aconteceu em 632 por um autor de nome Cumiam, em carta endereçada à Segene, abade de Iona, depois disso temos somente algumas esporádicas referências (Thompson, 1986: 159). Por esta razão, é sem dúvida, graças a *Vita Sancti Patricii* escrita por Muirchú que possuímos referências sistematizadas sobre Patrício e, após sua morte, pela primeira vez temos uma obra inteira dedicada a ele, construindo uma imagem sua que servirá de modelo para diversas hagiografias futuras.

Bibliografia

BURY, J.B. *The Life of St. Patrick and his place in History*. New York: BMC, 1905.

CAHILL, Thomas. Como os irlandeses salvaram a civilização. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

HOWLETT, David. "Vita Sancti Patricii" Life of Saint Patrick. Dublin: Four Courts Press, 2006.

HANSON, R.P.C. Saint Patrick: His Origins and Career. Londres: Clarendon Press, 1968.

HILLGARTH, J. N. Cristianismo e Paganismo: A conversão da Europa Ocidental. São Paulo: Masdras, 2004.

LEFEBVRE, Henri. La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

PAOR, Liam de. Saint Parick's World. Indiana: University of Notre Dame Press, 1993.

SAINT PATRICK, Confession et Lettre a Coroticus. Traduit par HANSON, R.P.C. Paris: Du Cerf, 1978.

THOMPSON, E.A. Who was Saint Patrick? New York: St. Martin's Press, 1986.